

PARA UMA ESTRATIFICAÇÃO DE REDADORES OITOCENTISTAS POR GRAUS DE CULTURA ESCRITA

Valéria Neto de Oliveira Monaretto
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

1. INTRODUÇÃO³⁶

Este capítulo traz um resultado de um exercício de aplicação de um teste objetivo que contribui para a construção de uma metodologia para se trabalhar com textos escritos em épocas passadas. Trata-se de uma proposta de estratificação de redatores oitocentistas do português brasileiro em termos de graus de cultura escrita. A análise tem por base o levantamento de características gráficas de indivíduos inábeis, apontadas por Marquilhas (2000), e a proposta de Barbosa (2005) de se aferir, de modo objetivo, habilidades de escritura. Como um modo de ratificação do método, será apresentado um exame sociolinguístico histórico preliminar sobre alguns remetentes dos documentos examinados.

³⁶ O estudo que este texto aborda foi finalizado em homenagem à Izete Coelho. Colega desde muitos anos do Projeto VARSUL, sempre demonstrou cooperação e alegria no trabalho. Além de seu espírito empreendedor e agregador, Izete dedicou-se, nesses últimos tempos, à coleta de dados de sincronias pretéritas, o que nos aproximou mais em termos de interesse de estudo, renovando essa parceria também em envolvimento no PHPB (Projeto Para a História do Português Brasileiro). Como uma boa pesquisadora de variação e mudança linguística da língua falada, tem consciência de que as investigações no passado ajudam a elucidar aspectos do presente e vice-versa.

O *corpus* é formado por 78 correspondências manuscritas trocadas entre membros de uma mesma família da aristocracia gaúcha dos anos 1800. Serão examinados 22 remetentes que tiveram algum grau de parentesco com o casal Júlio de Castilhos e Honorina Martins da Costa Castilhos, como avô, pais, tios, irmãos, cunhado e filhos. Como é uma família de tradição e formadora da história social, econômica e política desde a época colonial do Rio Grande do Sul, é possível a obtenção de dados biográficos de alguns membros da família para uma caracterização preliminar sociocultural dos redatores.

Diferentemente de outros trabalhos de análise sobre habilidades/inabilidades na escrita de adultos com escrita incipiente (MARQUILHAS 2000; BARBOSA, 2017; SANTIAGO, 2012; SILVA, 2012; KELLER, 2019, entre outros), esta investigação propõe examinar que aspectos e características gráficas podem ser observadas em escreventes de um certo grau elevado de cultura escrita. Entendemos como *grau elevado de cultura escrita* aqueles autores que têm hábito e prática regular e sistematizada de escrita e/ou que tenham recebido algum tipo de ensino público e/ou particular, proporcionado por alguma condição econômica privilegiada.

A análise espelha-se na proposta de Barbosa (2005), que examina aspectos grafológicos de cartas pessoais de um casal de avós Ottoni³⁷ para seus netos, no final do século XIX. Escreventes de um perfil social e cultural elevados, como as cartas dos avós, os autores dessas missivas constituem uma amostra criteriosamente definida em termos sociolinguísticos (LOPES, 2005, p. 15) por serem de gêneros, idades e escolaridades diferentes.

De modo similar, na tentativa de se construir uma amostra sociolinguística com a definição de variáveis linguísticas e sociais, procuramos apresentar e discutir algumas características grafológicas e linguísticas de uma família gaúcha, cujos membros nasceram entre os séculos XVIII e XX no extremo sul do Brasil.

No que diz respeito à província do Rio Grande do Sul (doravante RS) dos anos 1800, são poucas as informações sobre a difusão do escrito e as diferentes apropriações e usos que dele eram feitos. Segundo o censo do Brasil de 1872, apenas 15,8% da população sabiam ler e escrever, e no RS, pouco mais de 21% estariam nessa condição. Os alfabetizados tinham uma capacidade de saber ler e

³⁷ Este *corpus* foi formado pelo grupo de estudos da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, vinculado ao Projeto *Para A História do Português Brasileiro*. É constituído por 41 cartas particulares escritas entre os anos 1879 e 1892 por um casal de brasileiros cultos (Christiano Benedicto Ottoni e Barbara Balbina de Araújo Maia Ottoni) e direcionadas aos seus netos. Maiores informações podem ser obtidas pelo site <https://phpbrij.letras.ufrj.br/>.

escrever, mas como essas pessoas utilizavam essa capacidade, como o faziam e em que circunstâncias, os dados não revelam (MARTINY, 2016, p.74).

Os redatores examinados nessa pesquisa faziam parte desse número pequeno de alfabetizados, condição essa conquistada por sua posição socioeconômica de elite agrária que permitiu acesso a livros, dicionários, professores particulares e ensino formal. Seus testemunhos escritos são relevantes e contribuem, entre outros aspectos, para a história da cultura escrita da Língua Portuguesa e para os estudos de mudança linguística.

Com base nessas considerações, apresentaremos inicialmente, de forma breve, o problema de não haver ainda, de modo claro e sistematizado, uma metodologia de análise de *corpora* escritos no passado na Língua Portuguesa. Em seguida, apresentamos a proposta de Barbosa (2005) para uma estratificação de graus de cultura escrita dos redatores do século XIX. Após, nosso *corpus* será descrito, de forma inédita, em termos de composição de informantes e o grau de parentesco. Por fim, apresenta-se um teste quantitativo de uso e acerto de formas linguísticas escritas no padrão da língua latina, com uma análise de frequência de ocorrências (*tokens*) e o tipo de certa estrutura (*types*). Além do aspecto quantitativo uso/acerto de formas linguísticas relacionadas ao Latim, será contabilizado, para fins de graus de cultura do escrevente, o quão rico é o texto em termos lexicais (BERBER SARDINHA, 2004) e o quanto as pistas de formas fonológicas encontradas evidenciarão uma norma cultural escrita.

2. METODOLOGIA PARA ESTUDOS LINGÜÍSTICOS EM REGISTRO ESCRITO EM ESTADOS PASSADOS DA LÍNGUA

O exame da língua pelo passado e de suas mudanças ao longo do tempo sempre foram os objetivos da Linguística Histórica, cujos estudos têm início no final do século XVIII. A maneira pela qual as línguas mudam ou mantêm sua estrutura durante o curso do tempo fazem parte dessa ciência que tem, como seu domínio, o aspecto diacrônico da língua (BYNON, 1977, p.1).

Com o avanço do modelo estruturalista no início do século XX, a diacronia, que estuda o aspecto dinâmico da língua, cedeu espaço à sincronia, estudo da língua de forma estática e com caráter homogêneo. No final do século XX, a Linguística Histórica ressurgiu, aproximando-se da Sociolinguística Laboviana, que também se interessa pelo estudo da mudança linguística e por conceber a língua de modo heterogêneo.

Nesse momento, os métodos de estudos sincrônicos e diacrônicos passam a ser associados, e o mecanismo da mudança linguística pode ser estendido com a análise da vida social da comunidade. Assim a Sociolinguística Histórica surge para se estudar a variação e mudança em registros escritos no passado, já que variáveis linguísticas de tempos pretéritos podem atestar fatos não observados na história de uma língua (ROMAINE, 1982).

Romaine (1982) propõe que a Sociolinguística Histórica aborde uma metodologia similar à da Sociolinguística, transcendendo-se a concepção de uma gramática de uma comunidade de fala para um conceito de organização em termos de estilos nesta comunidade. “Uma comunidade de fala seria caracterizada tanto por traços referenciais como estilísticos considerados em relação à estrutura por um lado e ao uso, por outro” (*op. cit.*, p.7)³⁸.

Embora os modelos teóricos da Linguística Histórica e da Sociolinguística tenham definido suas metodologias de investigação, quando o objeto de análise é o dado escrito no passado, essa configuração não é tão simples. Está em questão a especificidade: do texto; do fenômeno linguístico investigado; da interpretação gráfica, dentre outros tantos problemas.

Segundo Romaine (1982, p.11), lidar com o dado linguístico histórico é, impreterivelmente, lidar com dados de escrita. E como bem já dizia Labov (1972, p.11), é preciso fazer melhor uso de dados ruins. Labov (1994) emprega a estratégia de análise em *tempo real* para confirmar a análise por faixas etárias do modo *tempo aparente*, mas não é a mesma coisa que lidar com o registro escrito no passado.

As dificuldades que o pesquisador interessado enfrenta para realizar um estudo diacrônico do português são muitas, tais como a falta de uma tipologia bem definida de textos, a inexistência de um mesmo tipo de texto em todas as fases da história e a dificuldade de localização de edições de *corpora* (CAMBRAIA, 1996). Romaine (1982) propõe uma tipologia de diferentes tipos de texto ao estudar orações relativas no Escocês médio e moderno, mas não foram explicitamente definidas, segundo afirma Cambraia, assim como as categorias texto literário x não literário (1996, p.2).

O experiente estudioso português Ivo Castro alerta-nos sobre a dificuldade de se estudar a língua em fontes escritas:

³⁸ Tradução nossa: “A speech community would be characterized by both referential and stylistic features which must be considered with respect to structure on the one hand and use on the other.”

Um linguista que pretenda descrever ou interpretar aspectos da língua que usa no seu dia a dia tem de simplesmente confiar na sua competência de falante, constituída pela memória das formas que já encontrou e usou e pela capacidade de discernir se determinada forma pertence ou não à sua língua, se é gramatical ou agramatical. Mas tal procedimento não está com a mesma facilidade ao alcance do linguista que se ocupa de aspectos diacrônicos de sua língua, tal como não está daquele que se ocupa de uma língua estrangeira, pois em ambos os casos lhe falta a experiência de um contacto directo e susceptível de controle (CASTRO, 2011, p. 78).

Conforme Castro (op. cit., p. 78), o estudo dos estados passados não pode contar com essa experiência, mas apenas com dois clássicos métodos conjecturais: a reconstrução de estados passados, baseada em comparação com variedades modernas, e a exploração de fontes escritas produzidas na época. Gramáticas e outros escritos metalinguísticos, em português a partir do século XVI, funcionam como fontes primárias e secundárias.

Como dito anteriormente, o fenómeno linguístico a ser analisado é de extrema importância para uma definição de metodologia de trabalho. No caso da pesquisa de mudança sonora, a dificuldade de se estabelecer critérios de construção de *corpus* e de análise é mais complexa ainda, pois a relação grafema/som não é de fácil interpretação.

Ouvir o inaudível é fundamental para se determinar a relação de um dado sistema escrito e o que este (aparentemente) codifica (LASS, 2000, p. 45). Esse é o grande desafio para se estudar a substância fônica e o nível de estrutura que podem estar representados em registros escritos no passado de uma língua. A interpretação fonética e fonológica, entre outros níveis de análise, em formas escritas em tempos pretéritos, apresenta muitas dificuldades, tendo em vista que exige estratégias específicas, como: seleção do que seja um dado representativo e significativo de língua; conhecimento de tradições escritas de época e suas relações com o contexto histórico-social; associação de formas gráficas com estruturas do sistema da língua e substâncias fônicas, dentre outras.

De fato, o que se obtém a partir de registros escritos, como testemunhos de um passado linguístico (SCHNEIDER, 2002) e como um canal legítimo para se examinar processos variáveis linguísticos (ROMAINE, 1982), são “pistas ou indícios de realizações fônicas de possíveis indicadores para mudanças linguísticas que depois vieram a ocorrer”, como bem diz Mattos e Silva (2002). Por isso, a documentação remanescente de um período passado é importante subsídio para o conhecimento da língua em uso de então e para o fornecimento de dados significativos para o processo histórico de mudança dessa língua (MATOS e SILVA, 2002, p. 14).

No entanto, é preciso lembrar que os dados de escrita são complexos e não podem ser tomados como evidências de realizações específicas da fala. A relação fonema/grafema está na base da escrita alfabética e pode não revelar pronúncias específicas de uma variedade de língua em determinado momento histórico (ABAURRE, 1999).

Por fim, a discussão sobre metodologia para o estudo em registro escrito em estados passados de língua é longa e depende de muitos fatores, como acesso ao *corpus*, seleção do que seja representativo e definição de pressupostos e critérios teóricos de análise. Contudo, não é o objetivo deste trabalho, por ora. O que procuramos apresentar é um exercício de uma proposta para se verificar a habilidade escrita de escreventes, assunto que passamos a abordar a seguir.

2.1 Aferição do grau de cultura escrita de escreventes do português brasileiro oitocentista

As investigações de Marquilhas (1991, 2000, 2003) sobre as características gráficas do português lusitano seiscentistas e setecentistas, escrito por *mãos inábeis*, repercutiram de forma a oferecer uma orientação prática para a construção de um parâmetro da cultura escrita de tempos pretéritos da Língua. A inabilidade ou a habilidade de redatores pode ser verificada de modo físico-gráfico e por outras características linguísticas, revelando possivelmente um grau de letramento de quem escreve.

No português brasileiro, alguns pesquisadores abordam a questão da grafia inábil do português de épocas passadas. Destacamos alguns desses que se dedicaram à investigação de recortes grafológicos. Barbosa (1999) examina, em documentos oficiais e cartas de comércio escritas no final do século XVII, casos grafemáticos de variações e possíveis atestações de certos aspectos da oralidade. Este mesmo autor (BARBOSA, 2005, 2008, 2017) segue suas investigações de exame grafemático em outros *corpora* de mãos inábeis e hábeis.

Oliveira (2006) observa também ocorrências fônico-ortográficas de diversas marcas de oralidade em atas escritas por negros da Sociedade Protetora dos Desvalidos, em Salvador, Bahia, levantando diversas ocorrências fonéticas-ortográficas, segundo o autor. No sertão nordestino, Santiago (2012) examina cartas escritas, ao longo do século XX, por sertanejos que tiveram pouco acesso à escolarização, levantando diversos aspectos paleográficos e características de aquisição de escrita e de fenômenos fônicos de mãos inábeis.

A inabilidade de escrita parece ter suas marcas próprias, pois a aquisição dessa parece ser similar em adultos e crianças. O que nos parece ser um pouco

mais difícil de se identificar em textos escritos no passado é o que seria um texto de um redator culto ou um texto formal/informal na época.

Barbosa (2005) mapeia o uso de etimologizações gráficas no século XIX como um critério para identificação de um padrão culto da época. Como diz o autor (op. cit. p. 47), “é um primeiro referencial objetivo por leitura matemática de sinais concretos cujos valores podem ser ratificados em outros personagens históricos dos quais saibamos o perfil sociocultural”.

A taxa de uso e de acertos de etimologizações, motivadas pelo significante greco-latino, poderia indicar diferentes graus de cultura escrita, denominados como: *erudito*, *culto*, *culto mediano*, *semicultos* e *inábeis*. Listas como as do Quadro 3.1 são examinadas em cartas oitocentistas.

Quadro 3.1 – Ilustração de Aferição de Etimologização Gráfica

Etimologização Gráfica				
Número	Palavra	Verdadeira	Falsa	Forma Latina/Grega
1	Condemna-lo	x		Condemno, are
2	objecto	x		objectus
3	charo		x	Carus, a , um
4	catastrophe	x		Catastrophā Katastrophe
5	official	x		officialis
6	pillar		x	pilare

Fonte: com base em BARBOSA, 2005, p.35.

Barbosa (2005, p. 37) acredita que “quanto mais encontremos grafias latinas em um autógrafo oitocentista, mais seu autor estaria em contato com os modelos de erudição, sejam escolares, de norma subjetiva ou de norma objetiva”. A aferição quantitativa das formas etimologizadas, conforme a ilustração do Quadro 3.1, é testada em *corpora* de folhetins do Jornal do Rio de Janeiro de 1842 e de 1843 e em cartas pessoais de dois avós em 1875 a seus netos, identificados como classe alta. Os resultados mostraram aproximação de taxas de uso/acerto de latinizações das cartas dos avós com as utilizadas em jornais, considerados textos-modelos da época, evidenciando-se, pois, um indício de que o casal de avós teria um grau elevado de cultura escrita.

Esse teste objetivo, tendo por base o uso de formas grafadas à imagem de formas da língua latina ou grega, é uma forma prática, e de certa forma fácil, de se medir o quanto há de habilidade na escritura de um escrevente dos anos 1800 no Brasil. Como a maior parte de documentos em arquivos públicos é de autoria desconhecida, variáveis como escolaridade, idade e local de nascimento

são difíceis de se estratificar na construção de um *corpus* de análise para uma investigação sociolinguística histórica.

Identificar o papel sociocultural de um redator é um dos desafios metodológicos da Sociolinguística Histórica, que tem a dificuldade de controlar fatores externos com procedimentos paralelos aos aplicados a *corpora* da atualidade (MONTGOMERY, 2007). Propostas que venham a contribuir para isso, principalmente para o português brasileiro, merecem, pois, uma atenção.

3. CORPUS – FAMÍLIA JULIO DE CASTILHOS

O *corpus* utilizado para análise é composto por uma série de correspondências pessoais manuscritas trocadas, no período de 1802 a 1916, entre familiares de um personagem de destaque na história política do Rio Grande do Sul no século XIX, Julio Prates de Castilhos, doravante JC. Essas cartas foram transcritas de acordo com as *Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos - Edição Semidiplomática - do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB)*, (disponíveis em <https://sites.google.com/site/corporaphpb/>), com o objetivo de fazerem parte dos *corpora* desse projeto³⁹.

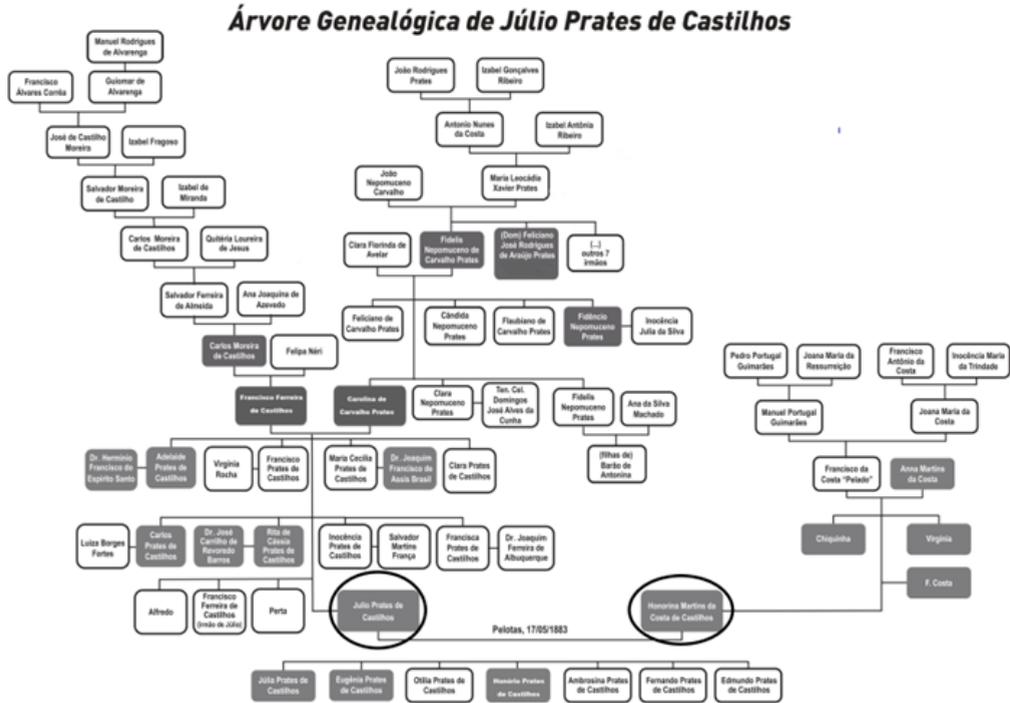
São 78 cartas privadas e particulares e 22 familiares signatários, totalizando 206 fôlios. Esse material foi coletado em três arquivos públicos de Porto Alegre, RS⁴⁰. O grau de parentesco entre os remetentes e destinatários, em relação a Julio de Castilhos, é bem diversificado: avô paterno, tio avô materno, tio materno, pai, mãe, irmão, irmã, noiva, esposa, nora, sogra, cunhado, cunhada, filho e filha.

As diferentes gerações que compõem esse *corpus* podem ser vistas em uma árvore genealógica ilustrativa de ascendentes e de descendentes de Julio Prates de Castilhos e de sua esposa Honorina Martins da Costa, casal em destaque dentro dos círculos (Figura 1). Os membros familiares dos quais dispomos de correspondências estão sinalizados pela cor escura.

³⁹ Esse material foi coletado, digitalizado e transcrito com ajuda de bolsistas de iniciação científica e de mestrandos e doutorandos. Destaco aqui alguns deles pela participação pró-ativa e dedicada, como forma de agradecimento: Roberto Nasi; Júlia Trindade; Melissa Osterlund Ferreira; Stefany Dacol; Sherin Kirsh Sant'Ana, entre outros.

⁴⁰ **Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul** - Rua Riachuelo, 1317, Centro, Porto Alegre, RS (<http://www.ihgrgs.org.br/>); **Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul** - Rua Sete de Setembro, 1020 - 2º andar, Porto Alegre, RS (<https://arquivohistoricors.wordpress.com/>); **Museu Julio de Castilhos** - Rua Duque de Caxias, 1205 /1231, Centro Histórico, (<http://www.museuJuliodecastilhos.rs.gov.br/>).

Figura 3.1 – *Corpus* de Correspondências entre Familiares de Julio de Castilhos e de sua esposa Honorina.



Fonte: a autora.

Pode-se observar, pela Figura 3.1, que o maior número de redatores pertence à família de Julio de Castilhos (no lado esquerdo da ilustração) e que as correspondências, em termos de ascendência de parentesco (acima de JC), abrangem três gerações. A quinta geração, abaixo de JC, são seus filhos. O redator mais velho é Dom Feliciano José Rodrigues de Araújo Prates (tio avô materno de JC), nascido em 1781, em Gravataí (RS), e o mais novo é Honório Prates de Castilhos (filho de JC), nascido em 1889, em Porto Alegre (RS), representando quase um século de espaço de tempo entre a idade de nascimento do remetente mais velho e o mais novo.

Em relação à biografia de nosso personagem central, Julio Prates de Castilhos, este formou-se em Direito pela Academia do Largo de São Francisco, em São Paulo. Foi o primeiro Presidente da Província de São Pedro (atual estado do Rio Grande do Sul); líder do Partido Republicano Rio-Grandense, promovendo a filosofia castilhana, baseada nos preceitos do positivismo comteano, que vigorou por anos depois de sua morte prematura aos 43 anos. Seus ascendentes foram

pioneiros na ocupação do planalto rio-grandense, criando gado, mula e produzindo erva-mate, com participações políticas e de guerras.

Segundo Franco (1967, p. 4), Julio de Castilhos “se vinculava a aristocráticas famílias do sul do Estado”. Sua mãe foi filha de um próspero fazendeiro em São Gabriel (RS), (Capitão) Fidélis Nepomuceno de Carvalho Prates (1786-1855), tendo ajudado financeiramente a Revolução Farroupilha. Por lado paterno, seu avô, Carlos Moreira de Castilhos (1786-1858), de Taubaté, São Paulo, e o pai, Francisco Ferreira de Castilhos (1814-1871), nascido em Lages, Santa Catarina, também compuseram a classe dominante rural dos anos 1800. Outra nota biográfica de sua vida em classes privilegiadas do Estado relaciona-se ao fato de ter sido sobrinho neto (por parte de mãe) de Dom Feliciano José Rodrigues de Araújo Prates (1781-1858), o 1º Bispo do Rio Grande do Sul.

Conforme Penna e Graebin (2009, p. 56), “uma das teses para delinear o perfil do líder republicano remonta o avô materno, estancieiro de prestígio que foi chefe farroupilha e deputado à Assembleia Constituinte da República Rio-Grandense”. Julio estudou no Colégio do Professor Fernando Gomes, republicano convicto e descendente de herói farroupilha.

Os originais mais bem conservados de cartas escritas por JC são as endereçadas a sua noiva. Segundo a apresentação escrita na publicação das Cartas de Julio de Castilhos, edição comemorativa dos 90 anos do Museu Julio de Castilhos, de Hugo Ramirez da Associação Brasileira de Literatura Comparada, há dezessete missivas, datadas a partir de 30 de dezembro de 1882 até 17 de junho de 1883, três bilhetes não datados e uma *Ordem de Leitura*, que parecem ser destinadas à dona Honorina, sua futura esposa, em 17 de maio de 1883⁴¹.

Outras cartas, escritas por JC foram publicadas por Keter Velho, em 2013. Trata-se de correspondências pessoais de JC com amigos e correligionários, obtidas no Museu Julio de Castilhos, Porto Alegre/RS. Essas cartas estão, em sua maioria, deterioradas. São cópias de cartas em papel carbono. Os originais foram fotografados no Museu, e algumas dessas correspondências fazem parte do *corpus* dessa pesquisa⁴².

⁴¹ CASTILHOS, Julio. *Cartas/Julio de Castilhos: edição comemorativa dos 90 anos de criação do Museu Julio de Castilhos*. Porto Alegre, Instituto Estadual do Livro, AGE, 1993.

⁴² Keter Velho, quando estagiária do Museu Julio de Castilhos, como estudante de história, descobre um livro com cópias de cartas que JC escreveu. Faz um trabalho de leitura paleográfica para ler e remontar esse material. Transcreve-as em um livro com apoio do Museu, publicado como SANTOS VELHO DOS, Keter Atácia. *Teu amigo certo. Julio de Castilhos, Correspondência Inédita* – Porto Alegre. Museu Julio de Castilhos. Edijuc, 2013.

3.1 Aplicação de um teste objetivo de aferição de grau de cultura

Uma proposta objetiva de se aferir o grau de conhecimento da norma culta escrita oitocentista do português pode ser feita por meio de levantamento de elementos grafovisuais, denominado como “etimologização gráfica”, sugerido por Barbosa (2005), conforme visto na seção anterior. Se o uso de grafias latinizadas, como *condemna-lo* (*condemno*_{lat.}), *objeto* (*objectus*_{lat.}), *catástrophe* (*catastropa*_{lat.}), estiverem de acordo com a forma latina, mais qualificado seria o grau de conhecimento da norma culta escrita do escrevente. Caso o redator escreva em desacordo com a forma latina clássica, como *charo* por *carus*_{lat.} ou *pillar* por *pilare*_{lat.}, por exemplo, menos conhecimento ele teria.

As hipóteses são:

1. Quanto mais um redator mantiver um paralelo perfeito entre a forma latina clássica e o que escreve em português, mais qualificado será seu grau de conhecimento da norma culta escrita, metonímia de seu grau de letramento, por contato a universos de leitura variados, por estudo sistemático de ortografia e conhecimento de latim.
2. Se, e somente se, o uso da grafia for significativo – em quantidade e variedade consideráveis – quanto mais o referido redator mantiver um paralelo perfeito entre a forma latina oficial e o que escreve, maior seria o grau de conhecimento da norma culta de sua época via estudo (particular, público, ou religioso) (BARBOSA, 2005, p. 31).

Barbosa (2005, p.41) confirma essas hipóteses em duas amostras dos anos 1800: dois jornais cariocas e um conjunto de cartas dos avós Ottoni⁴³, definindo-se um ponto de partida para o controle do grau de inserção de redatores na cultura escrita oitocentista. O pesquisador alerta que, para ratificar os valores de taxa de uso de etimologizações (3,69%) e de taxa de acerto em relação à forma latina (90,35%), é preciso investigar outros personagens históricos dos quais saibamos o perfil sociocultural.

O *corpus* de cartas da família JC é um material passível de uma análise similar, já que dispõe de informações biográficas de alguns redatores, como idade, escolaridade, profissão e localidade. Não há informações sobre todos os envolvidos nesse material, mas é possível utilizar as hipóteses de Barbosa (2005) para se verificar se essa metodologia de aferição de habilidade escrita pode ser um referencial a seguir por estudiosos da história da Língua⁴⁴.

⁴³ Maiores detalhes em OTTONI, C.B. (1811-1891) e OTTONI, B.B de A.M. *Cartas aos netos*. Rio de Janeiro. Arquivo Nacional, 1978. Também em *Corpora*, em www.lettras.ufrj.br.

⁴⁴ Como Julio de Castilhos teve um papel importante na história política do Rio Grande do Sul, sua figura foi tema de historiadores e de trabalhos acadêmicos. Alguns detalhes sobre a

Retomemos, então, nosso *corpus* de análise com base na escala de *graus de cultura* (proximidade à cultura escrita oitocentista) proposta por Barbosa (2005, p. 38): *erudito, culto, culto-mediano, semicultos e mãos inábeis*. Grimm (2018)⁴⁵, em seu Trabalho de Conclusão de Curso, utiliza essa nomenclatura e quantifica o uso de formas etimologizadas e a relação dessas com a taxa de acerto e de erro.

Eis os resultados da aferição do uso/acerto/erro das formas etimologizadas em familiares de JC, no Quadro 3.2, onde se pode ver: o redator e seu parentesco com Júlio de Castilhos; percentual de uso, seguido pelo valor numérico de palavras com formas etimologizadas; número de palavras da carta; taxa de acerto e taxa de erro. A apresentação dos dados foi exposta por ordem crescente de percentual de utilização dessas formas greco-latinas.

Quadro 3.2 – Formas Etimológicas em Cartas dos Familiares de Júlio de Castilhos: taxa de acerto x taxa de erro

Remetente (grau de parentesco com JC)	Uso de etimologização/ número de palavras da carta	Taxa de Acerto	Taxa de Erro
Carlos Moreira (avô)	1% (2/201)	100% (2/2)	-
Carlos Prates (irmão)	1,38% (94/290)	75% (3/4)	25% (1/4)
Virgínia (cunhada)	1,47% (2/136)	100% (2/2)	-
F. Costa (cunhado)	1,54% (2/130)	100% (2/2)	-
Hermínio (cunhado)	1,59% (2/126)	100% (2/2)	-
Carolina (mãe)	1,68% (18/1071)	66,67% (12/18)	33,33% (6/18)
Honorina (esposa)	1,8% (10/555)	70% (7/10)	30% (3/10)
Etelvina (cunhada)	1,88% (3/160)	100% (3/3)	-
Assis Brasil (cunhado)	1,89% (7/371)	85,71% (6/7)	14,29% (1/7)
Fidêncio (tio materno)	1,92% (87/4526)	96,55 (84/87)	3,45% (3/87)
Feliciano Nepomuceno (tio materno)	1,92% (2/104)	100% (2/2)	-
Ana Martins (sogra)	2,34 (37/1579)	97,3% (36/37)	2,7% (1/37)
Fidelis (tio materno)	2,64% (18/682)	55,56% (10/18)	44,44% (8/18)
Revredo (cunhado)	2,9% (2/69)	50% (1/2)	50% (1/2)
Rita Cassia (irmã)	2,9% (59/2034)	89,83% (53/59)	10,71% (6/59)
Adelaide (irmã)	3,08% (22/714)	86,36% (19/22)	13,64% (3/22)
Francisco (pai)	3,45% (16/464)	56,25% (9/16)	43,75% (7/16)
Chiquinha (cunhada)	3,7% (9/243)	100% (9/9)	-
Dom Feliciano (tio avô materno)	3,83% (26/678)	84,62% (22/26)	15,38% (4/26)
Julio de Castilhos	4,49% (174/3877)	92,53% (161/174)	7,47% (13/174)
Honório (filho)	5,45% (3/55)	66,67% (2/3)	33,33% (1/43)

Fonte: adaptado de GRIMM, 2018, p. 46.

biografia de sua família pode ser obtida em <https://sites.google.com/site/genealogiacastilhense/castilhos>, acessado em 08 de junho de 2020.

⁴⁵ Carolina Falck Grimm foi minha bolsista de iniciação científica nos anos de 2017 e 2018. Trabalhou na revisão da transcrição do *Corpus* Julio de Castilhos e seus Familiares: cartas pessoais, desenvolvendo também a metodologia de Barbosa (2005) em parte do *corpus* de cartas da família de JC.

Conforme se pode observar no Quadro 3.2, se o percentual das ocorrências for considerado, todos os 21 escreventes estariam acima dos 50% no uso de formas etimologizadas com alto índice de acertos, o que os classificaria com o mais alto grau de cultura escrita (erudito). Há também redatores com uma quantidade muito pequena de palavras (100 a 200), o que mascara o alto percentual de uso obtido, mostrando, pois, uma inconsistência nos resultados.

Para fins de comparação entre os remetentes, o olhar nos resultados será pela relação de número de palavras escritas com a proporção de formas utilizadas. Desse modo, apenas cinco redatores, com um mínimo de 1.000 palavras escritas, serão considerados para fins de uma análise preliminar. Recortemos o Quadro 3.2 conforme esse parâmetro, para melhor visualização, com acréscimo da suposta geração de cada pessoa no *corpus*. Observe o Quadro 3.3.

Quadro 3.3 – Uso de etimologias em cartas com maior número de palavras escritas

Remetente (grau de parentesco com JC)	Uso de etimologização/ número de palavras da carta	Taxa de Acerto	Taxa de Erro	Geração
Fidêncio (tio materno)	1,92% (87/4526)	96,55 (84/87)	3,45% (3/87)	3a
Ana Martins (sogra)	2,34 (37/1579)	97,3% (36/37)	2,7% (1/37)	3a
Julio de Castilhos (JC)	4,49% (174/3877)	92,53% (161/174)	7,47% (13/174)	4a
Cassia Prates (irmã)	2,9% (59/2034)	89,83% (53/59)	10,71% (6/59)	4a
Carolina (mãe)	1,68% (18/1071)	66,67% (12/18)	33,33% (6/18)	3a

Fonte: adaptado de GRIMM, 2018, p. 46.

O percentual de uso de formas etimologizadas é relativamente próximo entre os redatores do Quadro 3.3, com exceção de Julio de Castilhos (JC), que se destaca por utilizar quase o dobro de formas em relação a seus familiares. Já a taxa de acerto aproxima-os mais, excluindo-se Carolina, mãe de JC. Objetivamente, esse resultado indicaria uma aproximação entre uso e acerto de JC e Cássia (irmã), o que se justifica, inicialmente, por serem da mesma geração.

Entretanto, é preciso refinar a análise associando-se o uso de latinizações à taxa de acerto e à riqueza lexical do texto⁴⁶, já que a frequência é uma medida estatística volátil. A hipótese refinada é a que segue:

⁴⁶ Segundo Berber Sardinha (BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. São Paulo: Manole, 2004, p.94), *riqueza lexical* é uma medida estatística que se estabelece entre o número de palavras repetidas diferentes (*types*) de um texto e o número total de palavras nele encontradas (*tokens*). Quanto maior for o número de *types*, maior será a riqueza e a variedade do vocabulário.

(1) Hipótese refinada: o uso de etimologias, associado à taxa de acerto e à riqueza lexical, relaciona-se ao grau de conhecimento da norma escrita culta da época.

Entende-se neste trabalho, como os mesmos *tokens*, as realizações *ella*, *elle*, *ela*, *ele* para um só *type* (*illa/ille* ^{latim}) ou os *tokens encomendar/encomenda* para um só *type commendo* ^{latim}.

Quadro 3.4 – Uso de etimologias associado à taxa de acerto e à riqueza lexical em cartas dos Familiares de Júlio de Castilhos

Ordem por Riqueza Lexical	Uso de etimologização/ número de palavras da carta	Taxa de Acerto	Types/Tokens	Riqueza Lexical
Julio de Castilhos (JC)	4,49% (174/ 3877)	92,53% (161/174)	144/161	84,44%
Carolina (mãe)	1,68% (18/ 1071)	66,67% (12/18)	8/12	66,66%
Cassia Prates (irmã)	2,9% (59/ 2034)	89,83% (53/59)	23/53	43,39%
Fidêncio (tio materno)	1,92% (87/ 4526)	96,55 (84/87)	29/84	34,52%
Ana Martins (sogra)	2,34 (37/ 1579)	97,3% (36/37)	8/36	22,22%

Fonte: a autora.

Os dados apresentados no Quadro 3.4 evidenciam que JC é o que mais utiliza formas etimológicas com um alto percentual de acertos e apresenta a maior riqueza em variedade de vocabulário. Pela biografia que se dispõe desse personagem, esses resultados vão ao encontro do seu grau de sua instrução culto com nível superior (faculdade de Direito). Além de sua instrução, JC é jornalista e pratica sua redação em um jornal de Porto Alegre, A Federação (1890).

A temática na correspondência redigida por JC era bem variada, e suas missivas eram frequentes e de grande quantidade. Segundo Martini (2016, p.81), “no mês de novembro do ano de 1883, escreveu 26 missivas, uma média de quase uma ao dia”. Temas como negócios, notícias, saúde, situação dos familiares, entre outros, ajudavam a encurtar a distância entre os familiares, além da abordagem de questões políticas, explicável pelo papel político que teve. A sua habilidade escrita também se deve, possivelmente, ao fato de se sentir mais hábil na comunicação escrita do que no uso da língua falada, o que pode ser explicado pela questão de sua gagueira.

Já sua mãe, Carolina, apesar de apresentar o segundo maior percentual de riqueza lexical, utiliza muito poucas formas etimologizadas (1,68%), com uma taxa de acerto inferior a todos os demais (66,67%). Fidêncio, tio de JC por lado materno, apresenta uma certa quantidade de palavras nas cartas, de modo semelhante a JC, mas o uso de formas etimologizadas é também baixo (1,92%). Apesar de a escolaridade de Fidêncio ser em nível superior e de apresentar um número considerável de fólios escritos, talvez a norma escrita padrão da época em que viveu (geração acima de JC) não se valesse tanto de formas latinizadas na língua escrita.

Ademais, Carolina tinha uma prática de escrita que se assemelhava ao que era utilizado por homens da época, já que, em suas cartas, tratava de assuntos relacionados a negócios e ao público, como a redação de um documento de ordem notarial (carta de liberdade de um escravo). A família Prates de Castilhos não dispensava a educação a mulheres (MARTINY, 2016, p. 78).

Ana Martins (sogra) segue em último lugar em termos de riqueza lexical (22,22%). Talvez este baixo índice se deva ao acesso restrito à instrução escolar para a época. Segundo Gil (2020), apesar da obrigatoriedade de frequência à escola em 1871, no RS, as escolas surgem somente no início do século XX, mas de forma isolada, conforme o modelo imperial. Apenas em 1906 foram criadas quatro escolas complementares no RS, sendo uma delas em Porto Alegre.

A mesma inferência sobre o comportamento da cultura escrita conforme a geração pode se aplicar a (Rita) Cassia (irmã), que é a que mais se aproxima de JC em termos de uso de etimologização (2,9%) e de taxa de acertos delas (89,83%). Mesmo residindo longe de Carolina, supõe-se que teve educação informal e em casa, como JC, pois o pai Francisco comprava artigos para a instrução dos filhos, conforme mostra uma nota de compra (MARTINY, 2016, p.77).

Em conclusão, os redatores mais velhos, com menos acesso a ensino formal, já que viviam em uma época em que não havia escolas e universidades, fazem pouco uso de formas etimologizadas e apresentam percentuais abaixo de 45% de riqueza lexical. JC e Cassia (irmãos) já recebem alguma educação formal em casa, por professores contratados, e parecem ter tido acesso a livros. A relação uso/acerto, combinados com riqueza lexical, comprovam que a aferição, por meio do teste objetivo de formas etimologizadas de BARBOSA (2005), em relação a esse *Corpus*, funciona.

3.2 Outras marcas de habilidades/inabilidades de escrita

Examinando-se outros aspectos relacionados a habilidades de escreventes, apontadas por Marquilhas (2000), os cinco redatores com maior número de palavras escritas, selecionados no Quadro 3.4, não apresentam, no geral, qualquer característica físico-gráfica apontada para pessoas incipientes na aquisição da escrita. Contudo, como bem alerta Marquilhas (2000, p. 257), traços de inabilidades também podem ser observados em relação à dificuldade de representação silábica e outros tipos de pistas que podem denotar vestígios de processos fonológicos e de outras variantes linguísticas de época.

Podemos verificar que esses redatores fazem uso de certas formas que podem ser classificadas como indícios de realizações fonológicas, tendo em vista processos atestados na grafia e na oralidade do português desde muito tempo, como a **elevação vocálica de vogais médias pretônicas e postônicas** /e/ e /o/, como, por exemplo, em *minino* por *menino*, *curuja* por *coruja*, *quasi* por *quase* e *bolu* por *bolo*.

No caso dos escreventes das cartas, todos fazem registros de grafias de <i> no lugar de <e> da ortografia atual. Talvez alguns desses registros se originam de práticas ortográficas de época (*mamãi*, *mãi*, *si*, *siquer*, *quasi*, *iducação*), mas outros casos chamam a atenção por representarem pistas de possíveis processos fonológicos, como o **alçamento** de /e/ e de /o/ em sílabas pretônicas, motivado pela assimilação vocálica.

Os exemplos registrados parecem indicar esse fenômeno: *sirimônia* (cerimônia), *custume* (costume), *subrinho* (sobrinho). Do mesmo modo, outros indícios gráficos parecem revelar processos fonológicos como o alçamento de /e/ diante de nasal em *incontrei* (encontrei) e *imbarque* (embarque) e a elevação vocálica sem motivação aparente evidenciada nos registros *butar* (botar), *pudia* (podia), *verdadi* (verdade) e *justu* (justo).

Quadro 3.5 – Caracteres Gráficos com Indícios de Variantes Fonológicas

Aspectos Gráficos	<i> por <e> <u> por <o>	<e> por <i> <o> por <u>	Hipossegmentação	Outros
Julio de Castilhos (JC)	siquer si (8x) Mamãi (5x) quasi (4x) mãi	desappareceo occoreo egual resolveo	emfim (2x)	cousa (5x)
Carolina (mãe)	custume cirimonia incontrei iducar iducação (2x) iducar imbarque	Deos (2x) Mãi mussinha	aum omenos aescola omeu onumero anoite apoco porisso asaudoza anoite asociedade aresposta	criolinho perçiso ijagero mai menos pocas coizas iguinorante
Rita de Cassia (irmã)	Mamãi (3x) quasi pudia	Deos	abenção hade (há de) queme	affiota (afлита) es tas (estas) dous cousa em quanto
Fidêncio (tio materno)	subrinho butar verdadi	quase pae (2x) quaes vae (2x) quaes vae (2x) pae (3x) verdade peor reaes		cousa
Ana Martins (sogra)	justu Mai (mãe) paciar	adoeceo recebeo choveo (2x) apareceo creanças	ado aCidade ooutro naCidade ocêsto eassim afavor eide (hei de) opocivel ovalor achacara	em bora par a mantega

Fonte: a autora.

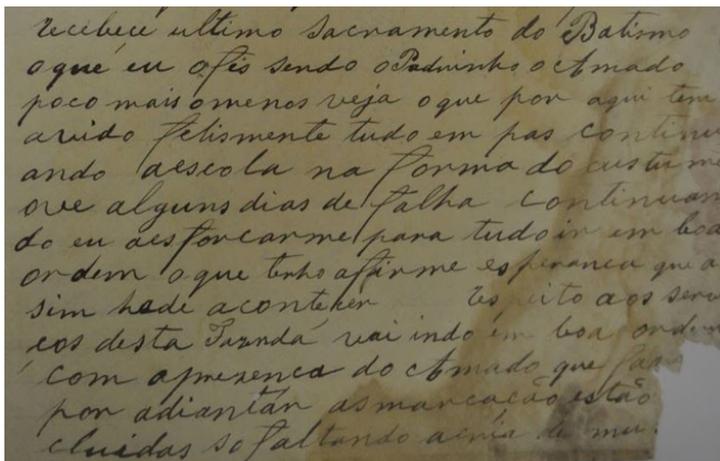
Os caracteres gráficos dos cinco redatores, ilustrados no Quadro 3.5, revelam que Carolina (mãe de JC) e Ana Martins (sogra) apresentam vários casos aparentes de problemas na segmentação de palavras, como a hipossegmentação (palavras escritas juntas), como *aum* (a um), *aescola* (a escola) etc. Entretanto, esse tipo de inabilidade de escrita não é a que melhor evidencia uma falta de prática de escrita, segundo Barbosa (2017, p. 27).

Há a representação silábica do tipo hipersegmentação (espaços em branco entre grupos de letras/sílabas de uma palavra, como “es tas” por “estas”), que é uma das características caligráficas de inábeis por apresentarem um ritmo lento de escrita, decorrente da falta de perícia ao escrever. Esse fenômeno gráfico não deixa de implicar uma certa subjetividade por uma certa voluntariedade do redator (MARQUILHAS, 2000, p. 244).

Examinemos inicialmente, com mais detalhes, Carolina e Ana Martins, personagens de uma geração acima de JC, que obtiveram um índice de riqueza lexical 66% e 22% respectivamente. Conforme o Quadro 3.4, as duas escreventes chamam a atenção pelo número de caracteres gráficos de inabilidade de escrita.

O fac-símile de um trecho de uma carta de Carolina a seu marido Francisco, ilustrado pela Figura 3.2, revela uma certa “união” do traçado da letra <a> com a palavra seguinte (*aescola*, *aesforçarme*, *afirme*, *hade*, *apresença*). No entanto, parece, nesse trecho do texto, ser uma característica de sua caligrafia, pois o registro dessa letra é muito semelhante em outras passagens, em que a letra <a> faz parte da raiz da palavra (*avido*, *acontercer*, *adiantar*). Não há exemplos nítidos dos processos de hipossegmentação ou hipersegmentação.

Figura 3.2 – Fac-símile de trecho de carta de Carolina de Carvalho Prates (mãe de JC) a Francisco Ferreira Castilhos (pai de JC) de 1º de junho de 1866 – Fonte Arquivo Histórico do RS.



A união de artigos, preposições e conjunções, elementos denominados como “clíticos”⁴⁷, à palavra seguinte (hospedeiro) é comum na língua falada (BISOL, 2015). O clítico pode se comportar como um elemento inacentuado que se acopla à palavra seguinte, formando-se uma só palavra fonológica. Esse processo fonológico costuma provocar lapsos ortográficos muito comuns nos dias atuais, como *agente* (a gente), *porisso* (por isso), *derepente* (de repente) etc.

A inserção ou supressão da partícula /a/ em início de palavra é um processo prosódico e morfológico comum e recorrente na história da Língua. Há a prótese (acréscimo de som, por exemplo, “*alevar*”) e a aférese (queda, por exemplo, “(em) bora”). A prótese, menos frequente do que a aférese (GONÇALVES, 1992), produz palavras novas na história da Língua, como, por exemplo, *acima*, *alevantar*, *abaixo*, *ajuntar*, *arraia*, entre outras, que podem ser fruto da adjunção de um elemento sonoro ou de uma categoria morfológica, como preposições e artigos, a uma palavra.

Carolina (mãe de JC) parece fazer, como uma regra ortográfica, a adjunção de /a/ à palavra seguinte, seja esse elemento um artigo, um verbo ou uma preposição. Já quanto ao /o/, não é claro, no documento da Figura 3.2, que o caso de *ofis* (o fiz), por exemplo, também fosse uma palavra fonológica. No entanto, Carolina faz uso, ocasionalmente, da prerrogativa de ligação de palavras em outro caso: “porisso” (cf. Quadro 3.5). Mesmo assim, a quantidade de casos é tão pequena que não é possível caracterizar Carolina como inábil na escrita em relação a esse aspecto.

Em Carolina, há outros registros gráficos, conforme registrado no Quadro 3.5, que podem ser indícios de uma realização fonológica, como é o caso de elevação vocálica de /e/ e /o/ pretônicos (*custume*, *sirimonia*, *incontrei*, *iducar*, *iducação*, *imbarcação*), monotongação (poco, criolinho), epêntese (*iguignorante*), rotacismo (*perciso*) etc. Esses casos, porém, não a habilitariam como inábil, mas, sim, em um grau mais baixo de perícia na escrita se comparada a seu filho Julio de Castilhos.

Já Ana Martins (sogra), apresenta essa mesma característica de hipossegmentação de Carolina, mas isso também talvez possa ser motivado por algum traço particular. Apesar de essa personagem apresentar menos texto escrito, podem-se observar outras características de hipersegmentação (*Em bora*, *Par a*) e de outros indícios de realizações fonológicas (*mantega*, *paciar* etc.). Essas poucas marcas não parecem também caracterizá-la como inábil na escrita, mas, sim, em um grau de conhecimento de escrita inferior ao de Carolina.

⁴⁷ Entendemos como *clítico*, neste trabalho, um elemento da palavra fonológica, ou seja, uma unidade dependente da palavra seguinte, formando um só vocábulo fonológico. Esses elementos podem ser proclíticos (te digo) ou enclíticos (conta-se).

Por esses motivos, acreditamos que Carolina e Ana Martins têm um grau de cultura escrita hábil aos padrões de época, diferenciando-se em poucos aspectos. Já Rita de Cássia (irmã de JC) apresenta características semelhantes às de Carolina e Ana, mas em menor proporção.

Voltando à questão dos escreventes mais hábeis e eruditos, Julio de Castilhos e Fidêncio (tio materno) podem ser melhor comparados, em termos de características gráficas e do uso/acerto de formas etimologizadas, pela quantidade de palavras que escreveram.

Fidêncio (tio materno) e Julio são os mais produtivos escreventes em termos de quantidade de palavras utilizadas em suas missivas. Os dois têm perfil social semelhante: ambos foram políticos e cursaram uma faculdade. Fidêncio era “Bacharel em Letras e em Ciências Físicas e Doutor em Medicina pela Faculdade de Paris, tendo ocupado espaço na política imperial como deputado provincial em São Paulo e Comendador da Ordem das Rosas” (MARTINY, 2018, p. 40). A diferença do grau de cultura escrita entre eles deve-se pela diferença de geração, de ascendência familiar (Fidêncio foi irmão da mãe de Carolina), em princípio, e pela prática e frequência de escrita. JC deixou um legado de 176 documentos escritos de cartas familiares, e Fidêncio, apenas nove documentos escritos.

Desse modo, as cartas pessoais dos cinco escreventes da família Prates de Castilhos, comparadas para fins de análise (cf. Quadro 3.3), possibilitaram uma classificação (Quadro 3.6) em termos de graus de cultura escrita nos termos de Barbosa (2005), conforme o exame dos seguintes critérios: de uso/acerto de etimologizações; riqueza lexical; presença de indícios de caracteres gráficos como fenômenos fonológicos; e geração.

Quadro 3.6 – Grau de Cultura Escrita entre os familiares de Julio de Castilhos

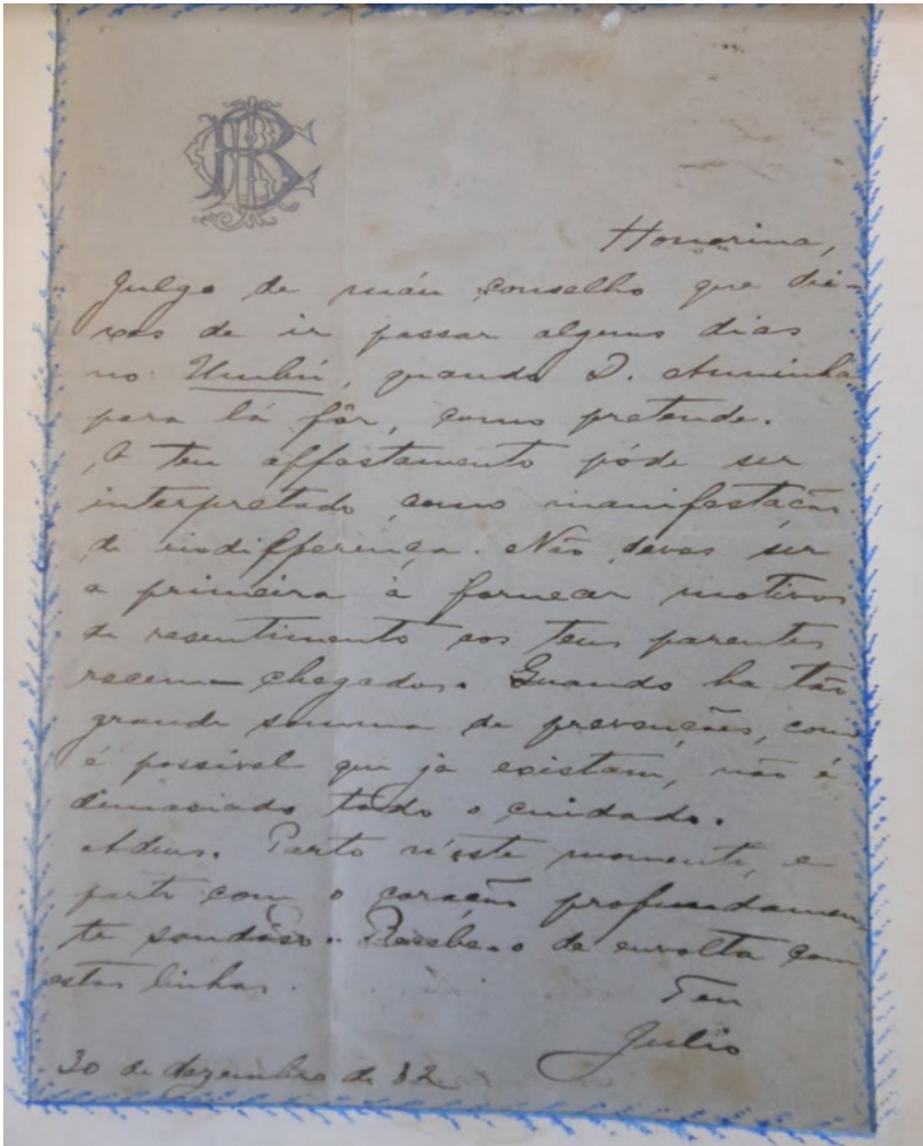
Remetente (grau de parentesco com JC)	Grau de Cultura Escrita entre os familiares
Julio de Castilhos (JC)	erudito
Fidêncio (tio materno)	culto
Carolina (mãe)	culto mediano
Cassia Prates (irmã)	culto mediano
Ana Martins (sogra)	culto mediano

Fonte: a autora.

Nenhum membro dessa família estaria enquadrado nos níveis semi-culto ou na categoria inábil. Uma comparação desses escreventes com outras pessoas nas mesmas condições sociais (geração, idade, escolaridade) talvez pudesse refinar a classificação dos graus de cultura.

Por último, trazemos, como forma de ilustração, um trecho em fac-símile do escrevente Julio de Castilhos, nosso personagem da história da formação do Rio Grande do Sul nos anos 1800. Nessa missiva de uma única página, endereçada à sua noiva Honorina em 1882, pode-se perceber a habilidade de escritura do personagem que encabeça os documentos da família Prates de Castilhos.

Figura 3.3 – Fac-símile de carta de Julio de Castilhos à sua noiva Honorina Costa de 30 de dezembro de 1882.



Fonte: Arquivo Histórico do Museu Júlio de Castilhos em Porto Alegre.

4. CONCLUSÃO

Um dos desafios da Sociolinguística Histórica é o controle de fatores externos como paralelos aos aplicados a *corpora* da atualidade (MONTGOMERY, 2007). Com base na proposta de Barbosa (2005) e nas características de habilidades em escreventes de sincronias passadas do português (MARQUILHAS, 2000), este capítulo procurou apresentar o experimento de um teste metodológico em 22 escreventes da família Julio Prates de Castilhos. O objetivo dessa investigação foi testar um caminho prático e objetivo para uma estratificação de redatores em grau de cultura escrita dos anos 1800 em um *corpus* de cartas pessoais de personagens que fizeram história no Rio Grande do Sul.

Com base na análise de uso/acerto de formas etimologizadas, somada à riqueza lexical dos textos e do levantamento de pistas linguísticas de caráter fonológico, chegou-se a uma estratificação de cultura nos graus erudito e culto da família Prates de Castilhos. Novas pesquisas, comparando-se escreventes de habilidade escrita similar, podem ratificar o método, contribuindo-se para o estudo da Língua Portuguesa em sincronias passadas.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B. Horizontes e limites de um programa de investigação em aquisição da escrita. In: LAMPRECHT, R. R. (Org.) *Aquisição de linguagem: questões e análises*. p.167-186. EDIPUCRS, Porto Alegre, 1999.

BARBOSA, A. G. Para uma história do português colonial: aspectos linguísticos em cartas do comércio. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

BARBOSA, A. G. Tratamento dos Corpora de sincronias passadas da Língua Portuguesa no Brasil: recortes grafológicos e linguísticos. Rio de Janeiro: In: LOPES, C. R. dos S. *A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: FAPERJ. 2005. p. 25-42.

BARBOSA, A. G. Fontes escritas e história da língua portuguesa no Brasil: as cartas de comércio no século XVIII. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (Org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui BARBOSA, 2008. p. 181-211.

BISOL, L. *Introdução aos Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 5.ed. rev e ampl. EDIPUCRS, 2015.

BYNON, T. *Historical Linguistics*. Cambridge University Press, 1977.

- CASTRO, Ivo. *Introdução à História do Português*. 2 ed. rev e ampl. Lisboa: Colibri, 2011.
- FRANCO, Sergio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre, Globo, 1967.
- GIL, N. L. A escolarização na cidade de Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX. In: SOUZA, José Edimar de (Org.). *Escola no Rio Grande do Sul: ensino, culturas e práticas escolares*. Caxias do Sul: EDUCS. (no prelo)
- GONÇALVES, C. A. V. Aférese e prótese: verso e reverso fonológico. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p. 65-78, 1992a.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *VI Recenseamento Geral do Brasil*. Censo do Estado do Rio Grande do Sul. Série Regional, v. XXVIII, Tomo I. 1955. Disponível em <http://www.ihgrgs.org.br/>
- KELLER, T. A habilidade dos escreventes em manuscritos do Rio Grande do Sul do fim do século XIX. *ReVEL*, v.17, n.32, 2019. p.43-68.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Sherre; Cláudia Rodrigues, Parábola: São Paulo, [1972] 2008.
- LABOV, W. *Principles of Linguistic Change*. v. 1 Internal Factors. Blackwell, 1994.
- LASS. R. *Historical Linguistics and Language Change*. Cambridge, 2000.
- LOPES, C. R. dos S. Apresentação. In: *A Norma Brasileira em Construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2005. P.11-21
- MARQUILHAS, R. *A faculdade das letras: leitura e escrita em Portugal no século XVII*. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa). Universidade de Lisboa, Lisboa, v.2, p. 239-257, 1996.
- MARQUILHAS, R. *A Faculdade de Letras: Leitura e escrita em Portugal no séc. XVII*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. Lisboa, 2000.
- MARTINY, C. Os usos do escrito no universo familiar: a prática da escrita no Brasil na segunda metade do século XIX. In: *História Unissinos*. v. 20, n.1. Unissinos: São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2016. p.73-83.
- MARTINY, C. “O Chefe Político dos mais Avançados Republicanos”: *Julio de Castilhos e o Processo de Construção da República (1882-1903)*. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. 384p.

MATTOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia*. Contexto. São Paulo, 2001.

MONTGOMERY, M. Variation and historical linguistics. In: BAYLEY, Robert; LUCAS, Ceil. (org). *Sociolinguistic Variation. Theories, Methods and Applications*. Cambridge, University Press, 2007. p. 70-89.

PENNA, R. da S.; GRAEBIN, C. M. G. Arquivo particular Júlio de Castilhos: cartas, bilhetes e anotações pessoais como fontes históricas. *Patrimônio e Memória*. v. 4, n.2, UNESP, FCLAs – CEDAP. p. 55-73, jun. 2009.

ROMAINE, S. *Socio-Historical Linguistics: its status and methodology*. Cambridge University Press. Inglaterra, 1982.

SANTIAGO, H. da S. *Um estudo do português popular brasileiro em cartas pessoais de “mãos cândidas” do sertão baiano*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, 2012.

SCHNEIDER, E. Investigating variation and change in written documents. In: J.K. Chambers, Peter Trudgill & Natalie Schilling-Estes, eds. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford, Malden, MA: Blackwell , p. 67-96, 2002.

SILVA, É. N. *Cartas amorosas de 1930: o tratamento e o perfil sociolinguístico de um casal não ilustre*. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.